

Processos formativos em cinema e audiovisual

DOCUMENTÁRIOS E IMAGENS DA VIOLÊNCIA POLICIAL EM PERIFERIAS¹

Ricardo Gonçalves de Moraes Silva²
Ceiza Ferreira³
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Resumo: Este trabalho apresenta reflexões iniciais de uma pesquisa em andamento que, a partir da teoria do documentário, de estudos sobre violência urbana e procedimentos de análise fílmica, visa investigar como a violência policial em diferentes periferias é representada no documentário brasileiro contemporâneo.

Palavras-chave: Violência Policial. Representação. Documentário. Periferias.

Resumo expandido: Muitos produtos audiovisuais abordam a violência policial no Brasil, mas essas imagens devem ser analisadas de maneira crítica, considerando os interesses que estão por traz da cobertura jornalística ou do ponto de vista de diferentes cineastas lançam sobre tal tema, assim como a própria realidade brasileira. Embora tenha as favelas do Rio de Janeiro como uma espécie de *lócus* principal de uma ação violenta da polícia, tal postura mostra-se recorrente em várias outras cidades brasileiras

Homens, pobres, negros e jovens, este é o perfil característico das vítimas da violência policial, o que segundo Peschanski e Moraes (2015) revela as desigualdades sociais e raciais ainda vigentes e principalmente, como essas são perpassadas por uma dimensão espacial, visto as formas diferenciadas de tratamento por parte da polícia, frequentemente mais agressiva em regiões periféricas. Tais espaços comumente são mostrados na mídia, principalmente em programas sensacionalistas, como sinônimo de criminalidade.

Nesse sentido, Kellner (2001) ressalta a necessidade de decodificar a cunho ideológico dos produtos midiáticos. Sob essa perspectiva, vale pensar também a produção cinematográfica nacional sobre o tema, da qual se destaca o filme *Tropa de elite* (José Padilha, 2007), que foi um sucesso de bilheteria e repercutiu nos mais diversos meios de comunicação.

¹ Trabalho apresentado à 10ª SAU 2021 - Semana do Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás.

² Graduando em Cinema e Audiovisual na Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: ricardomoraes_6@hotmail.com

³ Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Professora e pesquisadora do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Email: ceizaferreira@gmail.com

Processos formativos em cinema e audiovisual

Nas últimas duas décadas muitos documentários foram lançados com a temática sobre a violência urbana, com ênfase na ação policial em periferias de diversas partes do país, com por exemplo em Belo Horizonte, como retratado em *Sete anos em maio* (Afonso Uchôa, 2019) ou em Porto Alegre, com o filme *O Caso Do Homem Errado* (Camila Moraes, 2017). Essas produções documentais podem ser interpretadas como registros históricos, já que tratam de representações da realidade, ou seja, pontos de vista sobre determinados contextos sociais e também possibilitam apresentar as demandas de grupos historicamente marginalizados, que na maioria das vezes não conseguem fazer com que suas vozes sejam ouvidas. Nichols (2001, p.26) ressalta que [...] esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta”.

Ainda sobre esse levantamento de filmes, na década e 2010 a 2020 tem-se ainda três filmes, lançados em 2018 e premiados em vários festivais. O primeiro é *Auto de resistência* (Natasha Neri e Lula Carvalho, 2018), título que se refere ao termo usado para a justificativa legal empregada pela polícia para justificar a agressão ou mesmo o assassinato de um suspeito que resiste ou revida à força exercida pela polícia. A narrativa acompanha o desenvolvimento do processo legal a que os policiais foram submetidos e apresenta ainda a violência policial a partir do ponto de vista da família das vítimas e também de personagens da vida política da cidade.

A segunda produção selecionada é *Sem Descanso* (Bernard Attal, 2018) investiga a morte do jovem Geovane, preso e morto pela polícia em Salvador no ano de 2014. O pai do jovem e o jornalismo local realizam investigações que conseguem encontrar o corpo de Geovane, que havia sido esquartejado e assim o filme levanta a discussão acerca da brutalidade da conduta policial.

Dirigido por Fabiana Assis, o terceiro documentário é *Parque Oeste* (2018) que aborda a ação policial durante a violenta desocupação ocorrida no ano de 2005 no Setor Parque Oeste Industrial, em Goiânia. A narrativa se desenvolve a partir da perspectiva de Eronilde, que teve o companheiro assassinado durante a ação policial, que resultou na morte de duas pessoas, deixou mais de oitocentas feridas e desabrigou mais de três mil famílias.

Processos formativos em cinema e audiovisual

Portanto, a diversidade na abordagem da violência policial em espaços periféricos de diferentes capitais brasileiras (Rio de Janeiro, Salvador e Goiânia) empreendida a partir de diferentes motivações (combate ao crime organizado/tráfico de drogas, práticas de tortura e desocupação de área urbana) justificam a seleção dos três documentários mencionados para análise dos elementos técnicos, estéticos e narrativos, buscando assim observar a utilização de entrevistas, imagens de arquivo e matérias jornalísticas, bem como outros elementos da linguagem audiovisual para compreensão de como a violência policial é representada em tais produções e também como são inseridas as diferentes perspectivas da população periférica acerca deste cenário.

Referências Bibliográficas:

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: identidade política entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 1.ed. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5ª Edição. São Paulo. Papirus, 2005.

PESCHANSKI, Alexandre; MORAES (Renato). As lógicas do extermínio. In: KUCINSKI, Bernardo; *et al...* **Bala perdida: a violência policial no Brasil e os desafios para sua superação**. ed. 1, São Paulo: Boitempo, 2015.